

FIGURAS DO HIV: EFEITOS DA DIFERENÇA EM UMA CONFUSA ENCRUZILHADA MONSTRUOSA

Vinícius Colussi Bastos

Moisés Alves de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

RESUMO

Vivenciamos um momento em que as tecnologias possibilitam aos corpos que vivem com HIV atingirem uma condição de vida dita saudável, entretanto a figura do HIV ainda assombra nossa sociedade, provocando vertigens e mecanismos de exclusão. Contaminado pela pedagogia dos monstros, bem como por filosofias da diferença, neste trabalho problematizamos efeitos da diferença gerados entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa, a partir de relatos de corpos que vivem com HIV postados em um *blog*. Em uma lógica de demarcação e confusão de fronteiras, mecanismos culturais produzem um plano de imanência que instauram corpos monstruosos por meio de agenciamentos e pontos singulares de subordinação, em um misto de medo, proibição e desejo. Os corpos que experienciam efeitos da diferença vivem uma experiência intempestiva que os arrancam de si mesmos, exigindo um enfrentamento da linha do fora, dobrando-a, para além do saber e do poder, afim de torná-la vivível, praticável e pensável. Tais enfrentamentos abrem impossibilidades por meio de movimentos de transvaloração de fluxos, da ordem da vontade de potência, que se fazem necessários a transcrição da existência, produzir desejo de vida, subjetividades, em um movimento estético, ético e político, para fazer da existência um modo, uma arte, em uma terceira dimensão.

Palavras-chave: HIV/AIDS; efeitos da diferença; dobras; subjetivação; filosofia da diferença.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais as pesquisas que buscam a cura para o HIV e AIDS já produziram diversas tecnologias que possibilitam aos corpos que vivem tal condição experienciar um modo de vida dito saudável, como as terapias com antirretrovirais. No entanto as incertezas são muitas, a cura parece estar distante e a epidemia voltou a crescer estatisticamente mais (e novamente) entre a população jovem, que não viveu o advento da mesma nos anos 80¹. Somado a isso, é

¹ Segundo a UNAIDS Brasil (2016), os dados do último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, referentes ao ano de 2015, indicam um crescimento alarmante de novos casos de AIDS na juventude brasileira, no período de 2005 a 2014 a taxa de detecção de casos triplicou entre aqueles

Realização:

Apoio:



recorrente nas diversas instâncias culturais a repetição de figuras produzidas no início da epidemia, por meio de discursos de autopreservação do corpo saudável, dos riscos e perigos em se relacionar com o sujeito que tem o HIV, reproduzindo marcadores simbólicos que remetem a um ser menos humano, mais vírus, um híbrido monstruoso.

Como pesquisadores no campo dos Estudos Culturais é exatamente essa aparente naturalização e contradição entre práticas, produção de figuras e dados da epidemia que nos afetam, incomodam e despertam olhares, fazendo-nos forjar problemas investigativos para a criação desta pesquisa. Algo que parece produtivo questionar é porque aquela figura da década de 80 é constantemente retomada?

Em uma primeira análise, bastante ampla, podemos levantar a hipótese de que os discursos que repetem e arrastam tal figura para o presente são engendrados por diversas instâncias culturais, como as mídias, os livros, os professores, a família, a igreja e tantas outras, que recriam marcadores simbólicos de uma figura não desejada, uma condição de fracasso na preservação do corpo saudável, uma conduta moralizante da sexualidade, uma pedagogia cultural que aparentemente busca marcar a diferença entre o permitido e o proibido. Entretanto, se faz necessário investigar essa hipótese analisando mecanismos culturais envolvidos na produção desses discursos, com o intuito de desnaturalizar tais práticas e compreender que efeitos são produzidos nos corpos que vivem com HIV.

Diante desses pensamentos nosso olhar analítico foi contaminado pela pedagogia dos monstros e bem como por intercessores da filosofia da diferença, que se tornaram produtivos para problematizar e desnaturalizar o processo de diferenciação entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa criador de efeitos da diferença que assombram diversos corpos de nossa cultura. Para tanto, analisamos relatos produzidos por corpos que vivem com HIV postados no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, com o objetivo de compreender como tais corpos lidam com efeitos da diferença engendrados contemporaneamente em nossa cultura.

com 15 a 19 anos (de 2,1 para 6,7 casos por 100 mil habitantes) e entre os jovens de 20 a 24 anos, a taxa quase dobrou (de 16,0 para 30,3 casos por 100 mil habitantes).

Realização:

Apoio:



FIGURAS DO HIV EM UMA CONFUSA ENCRUZILHADA MONSTRUOSA.

A metáfora do monstro produz uma lógica que instaura diferenças culturais geradoras de figuras subordinadas e contraditórias, demarcando aquilo que as relações sociais definem como não desejável, perigoso, proibido, ou seja, “[...] as fronteiras que não podem – não devem – ser cruzadas” (Cohen, 2000, p. 43).

Tal metáfora se faz produtiva para pensarmos a construção de figuras do HIV em nossa cultura, uma vez que uma figura HIV soropositiva monstruosa precisa ser criada e recriada como a outra, estando assim subordinada à HIV soronegativa, igualmente produzida, para fazer desta desejável, um status de saúde a ser preservado, seja na rede sociotécnica científica, nas redes sociais, na escola, ou qualquer outra trama social. Entretanto, manter essa fronteira viva exige um empenho das pedagogias culturais, evidenciando o caráter construído e ao mesmo tempo desconstruído dessas figuras, que ora são postas como opostas, distintas, excludentes, e ora se confundem borrando os limites das fronteiras.

Como destaca Guacira Lopes Louro, para pensar a produção dos gêneros e sexualidades,

A sutileza do embate cultural requer um olhar igualmente sutil. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se trata. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito. As noções de norma e de diferença tornaram-se particularmente relevantes na contemporaneidade. É preciso refletir sobre seus possíveis significados (LOURO, 2008, p.21-22).

A figura do monstro nos ajuda a compreender demarcações e confusões de fronteira atribuída às noções de norma e de diferença, uma vez que ameaça as construções de normalidade, “dramatiza tudo aquilo que nossa civilização reprime e oprime [...]” (Donald, 2000, p.110).

Pensar em figuras do HIV, por uma lógica monstruosa, nos leva para movimentos mais complexos, que incluem a produção de corpos sexuados, bem como os tantos modos de experimentar a sexualidade constantemente atravessados por essa lógica de demarcação e confusão de fronteiras. Tais figuras só fazem sentido quando postos em um intervalo que tentará fixar diferenças entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa, em que o vírus torna-se um marcador simbólico

Realização:



Apoio:



para diferenciar o corpo doente do saudável, o não desejado daquele a ser preservado, o sexualizado do puro, o profano do divino, o monstruoso do mais humano. No entanto não são um reflexo ou contraparte uma da outra, uma vez que a monstruosidade se dá em um duplo, “[...] como a boneca que não está nem viva nem morta” (Donald, 2000, p.118), constantemente ameaçada pelos resultados de pesquisas e tratamentos cada vez mais eficazes em busca da eliminação do HIV e cura da AIDS, retornando outra.

Nesse intervalo, há o surgimento de uma superfície de indecisão, de encruzilhada, um plano de imanência, transcendental (Deleuze, 2016), caracteristicamente caótico que instauram corpos monstruosos por meio de agenciamentos coletivos, em um misto de medo, ansiedade, proibição e desejo, regidos por processos de diferenciação.

Nos processos de diferenciação, diferença é tudo aquilo que nos faz devir outro, em combinações de forças, nas quais não há diferença em si (essencial) e sim efeitos que abalam por sua vez qualquer noção de identidade vigente (Rolnik, 2014). Em consonância, para uma não essencialização da diferença, Guacira Lopes Louro destaca:

Quanto à diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação. A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência (LOURO, 2008, p.22)

Nesse sentido, falar de diferença é assumir movimentações não conclusivas, sempre em modos de vir a ser, uma vez que “Continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais” (Louro, 2008, p.22). O que não implica em negar a materialidade dos corpos, mas admitir que é por meio de uma cultura específica que características materiais adquirem significados (Louro, 2008).

Assim, criam-se sentidos não identitários ou particulares de cada um, de maneira não conclusiva, mais coletiva e singular, pensando por meio de uma lógica estética, de criação de figuras e modos de existência. Uma vez que para se chegar a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



uma ideia uniformemente válida de identidade exigiria abandonar as diferenças que a produzem, os inúmeros modos de ser, de tornar-se, que compõem uma vida.

Como argumenta Corazza (2013, p.21-22), o Princípio da Identidade nos leva “[...] a esquecer tudo aquilo que é distintivo [...]”, despertando o pensamento da Representação, produtor de um modelo primordial, puro, ideal (Uno, Padrão, Verdadeiro, Normal), a ser alcançado. Nesse sentido, a figura de pensamento do rizoma, explorada por Deleuze e Guattari (2011), se faz pertinente para enfatizar o devir e a multiplicidade, em detrimento da identidade, e potencializar as relações que ocorrem no entre, é no meio que as relações ganham velocidade.

Dando continuidade ao pensamento, na referida superfície de indecisão os efeitos da diferença entre figuras HIV soropositiva e soronegativa são sentidos, diversas linhas de forças se cruzam e afetam corpos porosos que nelas são agenciados, produzindo figuras inacabadas, dispares e relacionais em sua existência. Algo como um platonismo, “[...] ferido de morte em sua diferença relativa [...]”, como destaca Sandra Corazza (2013, p. 23) para pensar as figuras do O-Bom-Professor e O-Mau-Professor, como cópias “[...] bem ou mal-assemelhadas ao Padrão [...]”, engendrando uma diferença que “[...] hierarquiza, privilegiando uns e secundarizando outros”.

Nesse plano de imanência, relações de poder estabelecem “pontos singulares” de subordinação, que dão abertura a mecanismos sociais de exclusão, marcando aplicações de uma força em reação a outra. Considerando que

[...] relações de poder não emanam de um ponto central ou de um foco único de soberania, mas vão a cada instante ‘de um ponto a outro’ no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistências (Deleuze, 2013, p. 81),

Para que assim, tal movimento não esteja fadado ao sufocamento binário e hierarquizado, em outras palavras, como indica Guarica Lopes Louro (2008, p.22) “A norma não emana de um único lugar [...]”, pelo contrário, ela “Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos”, que lhe confere a capacidade de torna-se natural, essencial, dada, posta como pronta em sua origem.

Realização:



Apoio:



Nesse interim, os efeitos da diferença sentidos nos ditos processos de diferenciação abrem muito mais caminhos para compreendermos modos de subjetivação que para a produção de identidades, uma vez que há uma relação de infinitude dos processos de produção de diferença com a finitude das formas em que essas diferenças ganham sentido, estabelecendo assim uma tensão, um mal-estar, uma experiência sufocante, que exige a criação de outras figuras de existências capazes de reabrir impossibilidades da ordem da vontade de potência (Deleuze, 2016, 2013, 2008). Figurações que se constituem nômades, híbridas, múltiplas, monstruosas, que fogem das tentativas de essencialização e buscam assim escapar das hierarquizações de poder.

MÉTODO

Diante do objetivo de compreender como corpos que vivem com HIV lidam com efeitos da diferença engendrados contemporaneamente em nossa cultura, coletamos nossos dados nos relatos de vida registrados em uma publicação do *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”².

Esse *blog* foi criado e é alimentado por um sujeito que se descreve pelo gênero masculino, nascido em 1984 e que descobriu ter sorologia positiva, ou reagente, para o vírus do HIV em Outubro de 2010. Nele o autor se identifica pelo codinome “Jovem Soropositivo” ou apenas “JS”, mantendo seu anonimato. Em suas postagens, JS dedica-se em veicular resultados de pesquisas que buscam a cura para o HIV e AIDS, bem como qualquer outra notícia que esteja relacionada com o tema, por meio de informações atualizadas e uma linguagem acessível àqueles que não dominam o discurso médico e científico da área, funcionando como um *blog* de divulgação científica.

O que chamou nossa atenção para tal *blog* foi a repercussão das postagens, ou seja, a quantidade de comentários registrados por leitores, que tornam esse espaço um lugar dinâmico em que fluxos são produzidos e circulados.

Neste trabalho analisamos comentários tecidos pelos leitores na publicação intitulada “Esqueça tudo o que você sabe sobre o HIV”, trazendo para este texto

² Esse *blog* pode ser acessado por meio do seguinte sítio eletrônico: <http://jovemsoropositivo.com/>.

Realização:

Apoio:





alguns que se fazem representativos a nossas discussões, a partir de inspirações conceituais da pedagogia dos monstros e filosofia da diferença calcada na obra de Gilles Deleuze.

Selecionamos tal publicação devido a sua maior repercussão no *blog*, quando se considera o número de comentários, que são quase 600 até o momento de produção deste trabalho, bem como devido à qualidade destes no sentido de produzirem uma trama de interações rizomáticas, em que os indivíduos, anonimamente, relatam suas experiências de vida, interagem ativamente entre si, constroem laços afetivos, deixam uma marca breve de sua existência singular, estando nas tantas relações estabelecidas nesse lugar a riqueza analítica de tal publicação.

Assim, diante a heterogeneidade de discussões abordadas em tais comentários, focamos no que diz respeito aos efeitos da diferença e produtividades, nos fluxos circulantes, que propriamente na caracterização de quem são as máquinas que as produzem. Não procuramos traçar uma ontologia dos sujeitos que por ali passam, mas sim analisar a singularidade dos efeitos por lá produzidos, seus acontecimentos, enviesados por sensações, não havendo nenhuma possibilidade de imparcialidade nessa produção.

EFEITOS DA DIFERENÇA E UMA EXIGÊNCIA DE CRIAÇÃO.

No rizoma criado pelos comentários da publicação de JS intitulada “Esqueça tudo que você sabe sobre o HIV”, foi inevitável não se afetar primeiramente com os relatos que demonstram a passagem por uma experiência de vida devastadora ao deparar-se com o resultado do exame de sangue laboratorial que informa: “sorologia reagente para o HIV”, como pode ser notado nos relatos de “Jose”, “luisantoniomiguel”, “IndetectableSoon” e tantos outros:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





Jose
02/12/2015

Ler isso me deixou muito feliz
Descobri que sou soropositivo há dois dias atrás
E esses dois dias estão sendo os piores da minha vida
Aonde eu não aceito
Penso só em suicídio
Não como, não durmo
Só choro
Parece que a minha vida acabou.
Hoje eu lendo isso
Estou me sentindo melhor
Abriu minha mente
Vai me ajudar abrir a mente do meu próximo parceiro.



IndetectableSoon
26/05/2015

Deus te abençoe por suas publicações. Me trouxe paz e tranquilidade, além de muita (muita mesmo) informação. Fui diagnosticado hoje e ainda hoje foi marcado exame confirmatório, mas confesso que assim que recebi a notícia, um desespero e mal estar tomou conta do meu ser. Eu achei que minha vida havia acabado.. Meu tio tinha HIV positivo e cuidou até o fim, mas isso



luisantoniomiguel2012@gmail.com
18/04/2016

Descobri que estava com hiv em maio do ano de 2015, de inicio vi meu mundo desabar e só pensava quando iria morrer, minha filha pequena e tal. Mas, atraves deste blog e de outros mais, me fortaleceu a esperança de viver sem problemas nem neura, se desejaria não ter o virus! com certeza. .. Quase um ano após o inicio do tratamento, ESTOU INDETECTAVEL A TRES MESES. Familia ate hoje não sabem, não que tenha medo de contar, mais porque não me vejo obrigado a isso, emprego tambem.as vezes ate brinco dizendo que ha males que vem pra bem, pois com isso consegui sacar meu fgts e saudar dividas pendentes. sim! porque o portador positivo, tem por lei o direito ao saque do fgts. e aqui estou eu na expectativa da cura tão esperada...

Porque tais palavras são tão desestabilizadoras? Que afetos são capazes de gerar?

Como relatado por “IndetectableSoon”, um desespero tomou conta de seu ser ao receber o diagnóstico positivo, a tal ponto que a sensação foi de que sua vida tinha acabado. Sensações similares são relatadas por “Jose”, que só pensou em suicídio e ainda, que sua vida já havia acabado. Assim como “luisantoniomiguel” descreve que seu mundo desabou e só pensava quando iria morrer.

Em uma primeira análise, parece ser evidente que para os corpos que se deparam com tal diagnóstico, este o provoca um mal-estar, uma vez que uma nova

Realização:

Apoio:



condição obrigatória invade sua existência, um modo devastador de relacionar-se com os fluxos provocados pelos efeitos da diferença. Em outras palavras, uma nova condição obrigatória invade a existência desses corpos, em que são forçados a experimentar outra condição sorológica para o HIV, uma condição de vida diferente da exercida até então que traz consigo figuras historicamente e culturalmente construídas acerca do que é ser HIV soropositivo, cheias de marcadores simbólicos diabólicos, menos humanos, menos saudáveis e menos vivíveis. Seus corpos porosos são postos em um intervalo no qual relações díspares são imediatamente produzidas, um conflito entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa, que os fazem experimentar os efeitos da diferença, em um misto de medo e subordinação, gerando uma sufocante existência. Como lidar com os efeitos desestabilizadores da diferença?

Deleuze (2008) argumenta, diante sua leitura da obra foucaultiana, que há momentos em que experienciamos uma crise que nos coloca em contato com uma linha de superfície com o fora, o fora das relações de poder, em que “[...] o pensamento enfrenta a loucura e a vida, algo como a morte” (idem, 2008, p.136). Acontecimentos que produzem um mal-estar e podem reduzir a vontade de potência em níveis onde viver torna-se facultativo.

Contudo, o que causa esse mal-estar? Suely Rolnik (2014) nos provoca a pensar que tal mal-estar ocorre quando a diferença é produzida, como tudo aquilo que nos arranca de nós mesmos e nos faz devir outro, levando a novas combinações de forças que nos faz experimentar o intempestivo.

Intempestivo pode ser entendido como a emergência de uma diferença desestabilizadora das formas vigentes, a qual nos separa do que somos e nos coloca uma exigência de criação (Rolnik, 2014). Uma diferença que produz efeitos capazes de abalar as formas vigentes e nos fazer criar outras figuras. Diferença que é fruto de forças que compõem um contexto sociocultural, singular e necessariamente coletivo.

Apesar dessa experiência intempestiva com o diagnóstico ser bastante recorrente nos corpos que circulam e deixam rastros no *blog*, certamente não pretendemos afirmar que ela seja uma passagem obrigatória, ou um modo único de lidar com os fluxos gerados, a todos aqueles que experienciam situações similares.

Realização:



Apoio:



No entanto, o que podemos notar é que essa experiência intempestiva, quando vivida, arrastaram tais corpos para uma encruzilhada monstruosa, uma vez que emerge uma diferença desestabilizadora, que os separa daquilo que acreditavam ser, experienciando a linha do Fora, seu duplo. Qual a saída para tal experiência? Há saídas?

Como nos inspira Deleuze, se faz necessário enfrentar a linha do Fora, no entanto, [...] essa linha é mortal, violenta demais e demasiado rápida, arrastando-se para uma atmosfera irrespirável. Ela destrói todo pensamento [...]” (Deleuze, 2008, p.138). Esse enfretamento abre para uma experiência que torna necessário dobrar a linha do Fora, para “[...] constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar” (Deleuze, 2008, p.138).

Nesse movimento de dobrar a linha do Fora, uma reação de desdobramento ocorre, ações dispares que fazem o movimento retornar, o faz pulsátil, traçando o próprio limite do pensamento. Contudo, esse eterno dobrar coloca as forças em uma relação consigo mesma, abrindo caminhos para o movimento da subjetivação, em que vale destacar que:

Não é mais o domínio das regras codificadas do saber (relação entre formas), nem o das regras coercitivas do poder (relação de força com outras forças), são regras de algum modo *facultativas* (relação de si) o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo (DELEUZE, 2008, p.141).

As dobras se fazem assim necessárias como movimento de abertura para a possibilidade de criação de outras figuras de existência, em que o pensamento instaura um plano de imanência que acontece na superfície de relação entre dentro e fora das relações de força, nos quais agenciamentos são produzidos por meio da confusa relação com os marcadores simbólicos que remetem às figuras ditas HIV soropositiva e soronegativa, gerando uma infinidade de elementos dispares e heterogêneos. Lidar com essa superfície caótica por meio das dobras não deve ser entendido como “[...] uma maneira de se proteger, se abrigar. Ao contrário, é a única maneira de enfrentar a linha e de cavalga-la [...]” (Deleuze, 2008, p.141).

No universo dos comentários postados no *blog* esse enfrentamento das linhas de forças é manifestado de diversas maneiras, evidenciando a multiplicidade nos modos de subjetivação criados, mas que convergem em determinados

Realização:



Apoio:



aspectos, como por exemplo: a relação ocorrida com a leitura da postagem, em que as informações contidas nesta reverberam nos corpos e seus fluxos voltam a circular no rizoma criado.



Lucas
19/11/2014

Olha achei incrível o texto e com certeza vou tirar muitas dúvidas de pessoas que convivem comigo, Pessoas que acham que só pq tenho o vírus já estou morto. Não... Eu faço o tratamento e sei que posso ir mais longe. Sei que isso não me impede de viver em nada, ao contrário deve me dar mais força pra continuar, e mostrar o quanto aqueles que são infectados podem viver tranquilamente bem ou melhores do que os não infectados, Pois como vc fala, já não corremos o risco de contaminação, e fazendo os tratamentos certos estaremos totalmente seguros de nós mesmos...



Antonio Luiz
12/10/2015

Só quero deixar o meu muito obrigado! Descobri sexta feira dia 09/10/15, que sou soropositivo, e tenho minhas consultas marcadas para a próxima semana. Pelo menos um pouquinho de todo o medo me tirou dos ombros. Posso ir mais confiante às consultas, e encarar o tratamento ainda mais firmemente! Novamente, muito obrigado!



Anonimo
19/11/2014

Amigo, descobri a minha há um mês e meio, estou em tratamento porque o diagnóstico foi bem precoce. O que posso te dizer é: tomo antidepressivos que me ajudam muito a ver a vida como ela é e, portanto, não dar ao vírus mais importância do que ele tem. Talvez você deva considerar essa via – o remédio me ajuda muito. Além disso, procuro afastar os pensamentos de culpa. Não tenho culpa. Contraí o vírus fazendo sexo sem preservativo com pessoa em quem confiei. Confiança e um sentimento humano e um bom sentimento. Sexo é uma necessidade humana e uma boa necessidade. Não fiz mal a ninguém. Portanto, não há do que me arrepender. Não caia na onda da imprensa. Hoje querem demonizar os sentimentos humanos porque é mais fácil discriminar do que se informar. Você não está errado e não vai morrer disso. Como está em tratamento, também não vai transmitir a ninguém, ainda que transe sem preservativo – o que não aconselho por causa de outras doenças. Vá viver sua vida, não revele seu status para não sofrer com o julgamento de gente ignorante e pronto. Te garanto que você vai viver mais que o vírus, já que a cura tende a aparecer durante seu período de via. Eu não tenho nenhum efeito colateral. Em breve você também não terá. Espero ter ajudado. Abraço!

Nos comentários de “Lucas”, “Antonio Luiz” e “Anonimo”, é possível notar a reverberação dos fluxos produzidos pelas informações contidas na postagem que circulam pelos corpos porosos que lá se apresentam e são transformados ao passar por cada um deles, ou seja, são transvalorados. Como por exemplo, quando “Lucas” comenta que o tratamento o dá mais força para continuar vivendo e isso é motivo

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



para ser mostrado aos outros que vivem com o vírus que eles também podem produzir modos de existência mais tranquilos ou até mesmo melhores que aqueles corpos soronegativos, reafirmando a partir do texto de JS, que o tratamento possibilita aos corpos soropositivos estarem seguros de si mesmo. Ou então quando “Antonio Luiz” deixa seu agradecimento, à JS, mostrando que os fluxos circulados em sua publicação reverberaram em seu corpo tirando um certo peso, dando a ele mais confiança em ir as consultas e em seguir com o tratamento, ou seja, em acreditar nas práticas proporcionadas pelos resultados de pesquisas e discursos médicos como possibilidades de transcrição de modos vivíveis e praticáveis. Ou ainda, quando “Anônimo” direciona seu discurso a outro leitor que deixou um rastro de desespero com sua existência HIV soropositiva, tentando compartilhar discursos que produzem modos mais viveis, transcriando para abrir caminhos a produção de vida.

Essas transvalorações podem ser compreendidas pelos movimentos de inflexões das linhas de força na medida em que reverberam por cada corpo maquínico e circulam por relações rizomáticas, como se dessem um folego para amenizar os efeitos da diferença, abrindo caminhos para movimentos de transcrição, sem necessariamente criar um algo completamente outro, que substituirá o anterior, mas que ao serem transvalorados produzem vontade de potência.

Movimentos de transvaloração e transcrição que possibilitam os corpos acreditarem em modos de existência mais felizes e saírem de sua quarentena pós-diagnóstico, como explicito também nos comentários de “Adenir Lopes” e “sam”:

 **Adenir Lopes**
24/05/2015

que bom que você nos escreve com simplicidade e eficiência, isto tem me ajudado muito a sair da minha “quarentena” de 8 anos... quanto mais informação, melhores vivemos e deixamos os que estão juntos de nós tranquilos!!!!

 **sam**
25/05/2015

Tão magico tudo isso, me sinto tão bem em ler e reler essas informações. obrigado por indiretamente me fazer mais forte e acreditar que eu posso ser uma pessoa feliz, sair da minha propria quarentena é o primeiro passo.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Essa quarentena relatada seria como que permanecer nas relações sufocantes estabelecidas pela condição intempestiva da linha do Fora, sem dobrá-las ou transvalorá-las, apenas resistindo em um limiar de morte como única possibilidade de existência.

Em contrapartida, o comentário a seguir, de “Felipe”, se faz representativo acerca de uma experiência recorrente por aqueles corpos que resistem em quarentena, na qual a figura do vírus apaga por completo a noção de sujeito, assumindo e tornando-se aquele corpo, o “HIV em pessoa”.



Parabéns pelo texto. Ainda estou na minha fase de quarentena e querendo sair dela. Desde que fui diagnosticado me fechei mais ao mundo e até para família e amigos. Estou conseguindo aos poucos superar. Até certo dia não queria nem ler sobre o vírus, tampouco ler a bula dos remédios que tomo. Apenas me comprometi a ir ao médico, tomar medicação e tentar seguir... Agora estou encarando a realidade de frente e não ficar me olhando no espelho apenas como o HIV em pessoa.

Tal relação indica uma intensidade vivida diante os efeitos da diferença, que aparentemente se faz capaz de anular tudo aquilo que se conhecia com relação ao ato de viver, de existir, transformando toda a complexidade dos inúmeros modos de ser e agir em uma sufocante existência não humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos comentários registrados no *blog* evidenciamos que experienciar os efeitos da diferença arrastam os corpos que vivem com o HIV para uma encruzilhada monstruosa, em que lidar com a linha do Fora produz uma experiência de vida intempestiva, um plano de imanência em que agenciamentos coletivos são constantemente produzidos diante de tantos marcadores dispares, diabólicos, incertos, menos humanos e saudáveis.

Diante a esses efeitos os movimentos de dobra são a única saída para continuar abrindo impossibilidades, por meio de movimentos de transvaloração dos fluxos circulados, que permitem a transcrição de modos de existência, ou seja, a criação de zonas vivíveis, praticáveis e pensáveis, ainda não experimentadas.

Realização:



Apoio:



Cabe relativizar que não se trata de acreditar que a produção está na tristeza, nos afetos tristes, no reativo, naquilo que reduz o desejo, mas na busca pela fuga desse estado redutor de vida. E que não tivemos a pretensão com essa análise de mapear todas as possibilidades de fluxos circulantes e modos de existência nos rastros deixados no *blog*, isso seria inviável devido a tantas condições de acontecimento presentes. Buscamos demonstrar que em acontecimentos intempestivos como os descritos, que são constantemente presentes em nossa cultura, há modos positivos de transvalorar os efeitos da diferença, em que transcriar a existência abre caminhos a produção de desejo de vida, a subjetivação das relações em um movimento estético, ético e político, para fazer da existência uma arte, em uma terceira dimensão.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre-RS : Doisa, 2013.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida. In.: DELEUZE, Gilles. Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins; revisão Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. **Conversações**, 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2ed., 2011.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Realização:



Apoio:





LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n.2 (56) – maio/ago. 2008.

SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**. Acessado em 25 de Novembro de 2015. Disponível em: <http://jovemsoropositivo.com/>.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. Territórios de filosofia. 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/23/ninguem-e-deleuziano-suely-rolnik/>. Acessado em: 20 out 2015.

FIGURES OF HIV: EFFECTS OF DIFFERENCE IN A CONFUSED CROSSROADS MONSTROUS

ABSTRACT

We live a moment when technologies enable bodies that live with HIV to achieve a healthy life, but the figure of HIV still haunts our society, provoking vertigo and mechanisms of exclusion. Contaminated by the pedagogy of the monsters, as well as by philosophies of difference, in this work we problematize the effects of the difference generated between the HIV seropositive and seronegative figures, from reports of bodies living with HIV posted in a blog. In a logic of demarcation and confusion of frontiers, cultural mechanisms produce a plan of immanence that establishes monstrous bodies by means of assemblages and singular points of subordination, in a mixture of fear, prohibition and desire. Bodies experiencing the effects of difference live an untimely experience that pulls them out of themselves, demanding a confrontation of the outside line, doubling it beyond knowledge and power, in order to make it livable, practicable, and thinkable. Such confrontations open up impossibilities that propel other movements of the order of power and are necessary to recreate an existence, a desire for life, subjectivities, an aesthetic, ethical and political movement, to make existence a way, an art, in a third dimension.

Keywords: HIV/AIDS; Effects of the difference; Ply; Subjectivation; Philosophy of difference.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

